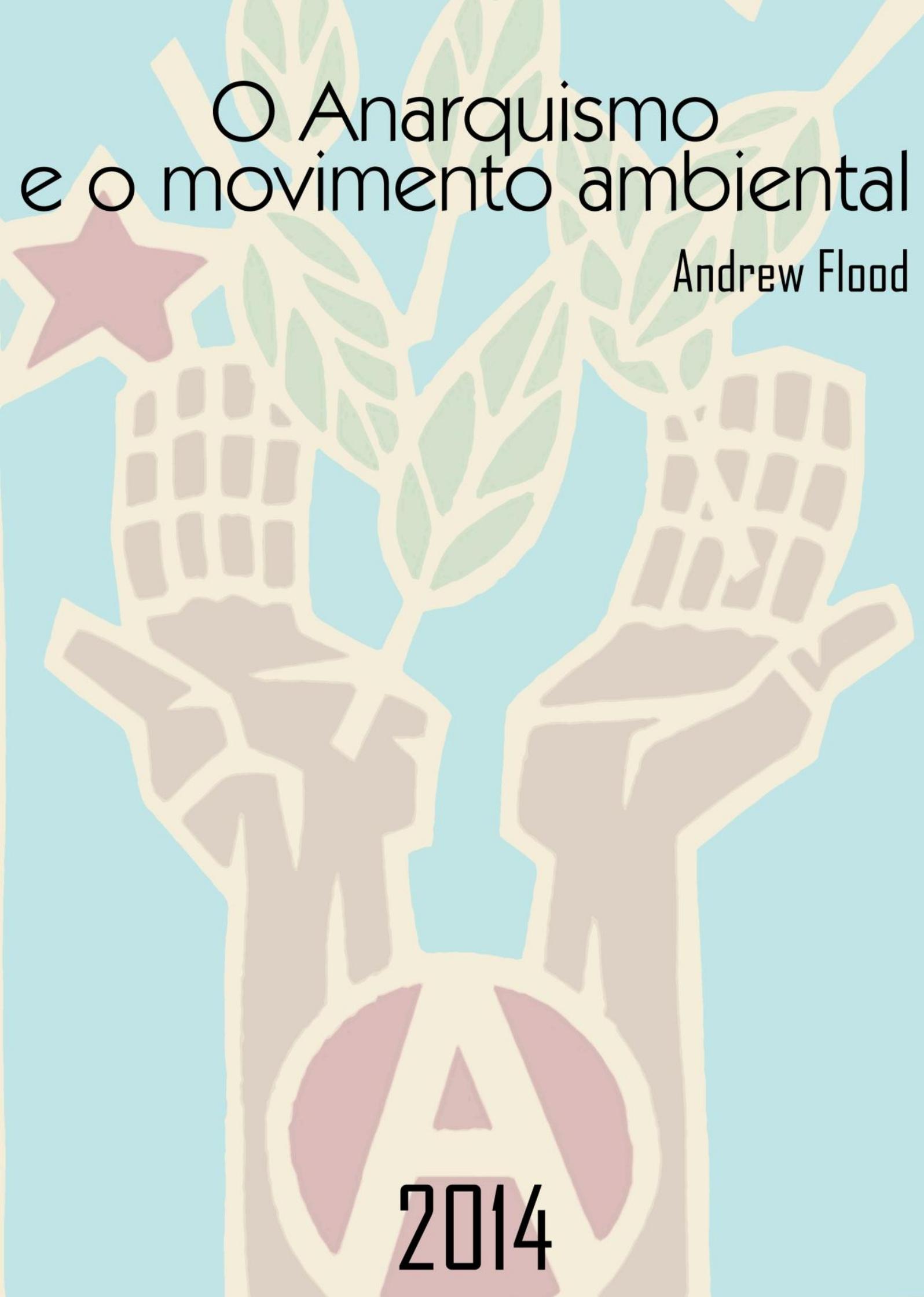


# O Anarquismo e o movimento ambiental

Andrew Flood

A stylized illustration in a flat, graphic style. The background is a light blue. In the center, two brown fists are raised, holding a green tree with yellow branches and leaves. A pink star is in the upper left, and a pink peace symbol is at the bottom center. The year '2014' is written in black at the bottom.

2014

*Andrew Flood*

# Anarquismo e o Movimento Ambiental



GEAPI – Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí

<http://www.anarquistas-pi.blogspot.com.br/>

geapi.phb@riseup.net

O Anarquismo e o Movimento Ambiental/ Andrew Flood; tradução Alexandre Wellington dos Santos Silva; Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí - Parnaíba; GEAPI, 2014.

Título original: Anarchism and the Environmental movement. Anarchist Writers, 2013.

O problema principal com qualquer debate sobre o "movimento verde" é que ele não existe como um só corpo de ideias. No lugar disso tanto indivíduos como organizações sustentam um ranking de posições do anarquismo através do espectro político até as ideias influenciadas pelo fascismo. Qualquer termo, ambientalismo, ecologismo, etc. são definições muito vagas de um amplo corpo de ideias e práticas, provavelmente incluindo os mais amplos e mais vagos que o socialismo.

Por isso não deveríamos criar uma falsa ligação entre anarquismo e ecologismo, mas deveríamos nos perguntar que tipo de teoria e ação ambiental deveria favorecer os anarquistas por um lado, e por outro explicar por que qualquer ecologista também deveria ser um *anarquista de luta de classes*<sup>1</sup>.

Há um bom argumento que alguns dos primeiros anarquistas, em particular Kropotkin foram os originadores de alguma das ideias de fundo comuns à teoria ambiental radical de hoje. Do mesmo modo alguns anarquistas de hoje, como Murray Bookchin, tem uma influência estendida na teoria ambiental moderna. Esta conexão histórica e atual é provavelmente pela que muitos ativistas ecológicos radicais já se descrevem como anarquistas.

Por outro lado há gente que se autodenomina ecologista com a que não temos nada em comum e que nos deveria desagradar da mesma forma que outros políticos e movimentos reacionários. Um problema principal com o movimento verde é que os elementos progressistas muitas vezes fracassam seriamente em distanciar-se dos elementos reacionários. Isto pode ter contraste com o deliberado distanciamento insinuado no slogan "Nem esquerda nem direita: Verde?".

---

<sup>1</sup> "O que é o anarquismo de luta de classes?" de Wayne Price , está sendo traduzido pelo Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí.

Pode se conseguir uma compreensão simplificada do ranking de ideias verdes se imaginarmos dois eixos de teoria de proteção do meio ambiente e as práticas:

- a. Táticas de Organização: da ação direta ao parlamentarismo de líderes
- b. Motivação: Do misticismo misantrópico ao materialismo humanista.

A intersecção entre as táticas de líder/parlamentar e o misticismo misantrópico é atualmente e historicamente inútil no melhor dos casos e muitas vezes excessivamente perigosa por dar cobertura às tendências políticas profundamente reacionárias. Na Alemanha em 1920, por exemplo, existia uma organização de massas chamada "Sangue e Solo" a qual representava justamente tal combinação. Em 1923 seu material de recrutamento incluía "Em cada alemão treme um bosque com suas cavernas e barrancos... é a fonte da essência alemã, da alma alemã". Para 1939 os 60% de seus afiliados das principais organizações para a "proteção da natureza" se juntou ao partido nacional-socialista (comparemos com os 10% de toda população masculina que o fez).

Em 1942, Himmler usaria o "ambientalismo" como justificativa para a anexação da Polônia escrevendo "O campesino de nossa estirpe racial sempre buscou cuidadosamente aumentar os poderes naturais da terra... e preservar o equilíbrio de toda natureza... Se, por conseguinte, o novo *Levensraum* se converta em uma terra natal para nossos colonos, então o delineado acomodamento da paisagem tão mais próxima de natureza é um pré-requisito decisivo". Isto não é, obviamente, dizer que todos os ecologistas são fascistas, nem muito menos, mas não pode se assumir com segurança que são automaticamente progressistas.

Seções do Movimento Verde hoje na Alemanha ressuscitaram alguns dos teóricos de "Sangue e Solo", mas detalhes disso podem ser encontrados no folheto da AK Press, "Ecofascismo: Lições da experiência alemã". Isto não deve ser interpretado como que todos os ecologistas são ou se converterão em fascistas, longes disso, mas deveria ficar claro que a etiqueta de "ecologista" não é garantia política progressista em outras áreas.

A ala do ambientalismo que está mais aberta ao anarquismo é a intersecção ou combinação oposta, a da ação direta e o materialismo humanista. Baseia-se na compreensão de que o meio ambiente é importante porque é onde nós vivemos. Assim não podemos escapar das consequências da degradação ambiental. Esta compreensão se complementa com a ação para proteger o ambiente baseado na ação direta contra a contaminação, etc. Antes que confiar em um "imposto verde" ou outras novas leis para salvar a terra.

Muitos destes ecologistas já usam a etiqueta "anarquista" para distanciar-se do respeitável reformismo dos Partidos Verdes. mas outros vieram ao anarquismo porque há uma lógica distinta e poderosa entre eles e nós.

O anarquismo traz ao ambientalismo uma compreensão do motivo pelo qual o meio ambiente se degrada. Que é a perseguição de benefícios por poderosos interesses sobre os quais exercemos pouco controle na sociedade atual. Tem pouca importância para um anarquista se estes poderosos interesses são as classes dirigentes privadas da Europa Ocidental ou os burocratas estatais que previamente dominaram a Europa Oriental e que todavia controlam grandes sessões da economia a nível global.

Para resumir, como anarquistas, somos conscientes de que estamos condicionados pelo meio ambiente para existir, somos conscientes que "o poder" já seja baseado na indústria ou no estado que deseja destruir localmente grandes partes do meio ambiente, objetivando o poder e o benefício. Final-

mente somos conscientes que a única forma de deter "o poder" é a ação direta contra seus projetos em curto prazo e uma modificação revolucionária da sociedade em longo prazo.

Sem dúvida a outro elemento comum com a ala radical progressista do movimento ambiental. Para muitos envolvidos, os métodos utilizados também representam uma forma de fuga da miséria da vida diária diante do capitalismo. Esta atitude que muitas vezes é definida em círculos anarquistas como "primitivismo" é algo que também necessitamos considerar. Os campos de protestos dos movimentos "anti estradas" na Grã-Bretanha e Irlanda representou então algo mais que uma forma para frear projetos desnecessários de estradas e questionar as prioridades do transporte. Para muitos também representou um modelo alternativo de como poderíamos viver. Um modelo sem hierarquias e mais relacionado com a natureza.

Os artigos que se originavam nestes acampamentos muitas vezes os retratavam como ilhas de escape ao capitalismo e nestas se buscavam desenvolver uma teoria de como as pessoas poderiam ser autossuficientes entre elas, em alguns casos até tentando escapar à dependência do Estado de bem estar (desemprego, etc.). A ideia de criar colônias para "escapar do capitalismo" não é um fenômeno novo, também tem um paralelismo histórico associado com o anarquismo. Nos anos de 1920 por exemplo isto foi expresso pelo crescimento de comunas nos Estados Unidos.

Vou ser crítico com esta tendência mas me permitam começar esta crítica ao dizer que, como anarquistas, deveríamos defender o direito das pessoas escolher qualquer estilo de vida que desejem diante da sociedade atual. E em uma futura sociedade anarquista deveríamos esclarecer que as pessoas escolherão viver em uma ampla variedade de formas. Gosto das cidades e a diversidade cultural que vêm com elas, assim pé que certamente creio que as cidades existiriam no futuro, mas também deveríamos explicar que algumas pes-

soas escolherão viver em comunas muito menores, em formas que consideram que estão mais em contato com a natureza. Dado que somos livres para escolher de que maneira viver não só não deveríamos ter problema com isso mas que deveríamos desejar tal sociedade. Uma na qual as pessoas possam mover-se entre as diferentes formas de vida e as diferentes comunidades segundo as que as satisfaçam, sem as desvantagens econômicas subsequentes nem a repressão política que acompanha tais escolhas na sociedade de hoje.

O que quero criticar, sem dúvida, é a ideia de que este tipo de escolha possa transformar a sociedade, ou mais fundamentalmente, que se todo o mundo realizar tal transformação de estilo de vida sucederia uma revolução porque o capitalismo já não poderia funcionar.

Fundamentalmente isto menospreza a vontade do capitalismo para obrigar as pessoas a trabalhar. O capitalismo quando se vê confrontado com escassez de trabalhadores não pondera em expulsar as pessoas da terra e fazê-las enfrentar a escolha de trabalhar em uma fábrica ou morrer de fome. Historicamente isto foi, ao menos em um grau, do que eram as *Enclosure Acts* no século XVIII na Grã-Bretanha. A divisão da terra em unidades claramente marcadas levou dezenas de milhares de pessoas que não puderam fazer reclamações formais do campo nas cidades. As condições na cidade nesta época eram horríveis, com a taxa de mortalidade excedendo ao índice de natalidade.

Hoje presenciamos fenômenos similares em muitos países do "terceiro mundo", onde enormes áreas de terra estão em alqueive<sup>2</sup> enquanto os camponeses sem terra se veem forçados a mudarem-se aos bairros pobres da cidade e ganhar a duras penas um sustento em condições quase impossíveis. Assim, não deveríamos esquecer que o capitalismo tem dentes e que no passado his-

---

<sup>2</sup> N. do T.: Alqueive designa o estado de uma terra lavrada que se deixa "descansar".

tórico e fora do primeiro mundo não tem receio em usá-los se necessita de mão de obra.

Mas fundamentalmente, muitos trabalhadores não terão o desejo de escolher o estilo de vida associado com "o deixar tudo". Desfrutamos das comodidades da sociedade consumista do capitalismo. Sou um grande fã do *Playstation*, por exemplo, e tais artigos só podem ser produzidos em avançadas sociedades industriais. Estou disposto a lutar por uma sociedade aonde como classe decidamos o que produzir e se os benefícios da produção pesam mais que o dano ambiental causado pela produção. Estou até disposto a reconhecer que durante um tempo ao menos, podemos decidir que produzir estufas de carbono vegetal é mais importante que produzir *Playstations*. Estou disposto a lutar por uma sociedade onde possamos escolher nossos próprios estilos de vida. Mas não vou lutar por uma sociedade que se limita a comunas pequenas e indústria de baixa tecnologia.

Para finalizar este é núcleo de uma análise anarquista do ecologismo. Em uma sociedade onde democraticamente controlemos a produção optaremos por não contaminar, ou limitar a contaminação a um nível que possa ser assimilado. Nós também reconhecemos a necessidade de se lutar contra as atividades daninhas no "aqui e agora" e vincular estas lutas com outras lutas para modificar a sociedade. Defendemos o direito das pessoas serem diferentes aqui e agora, e escolher seu próprio estilo de vida, sua sexualidade, suas preferências musicais ou qualquer outra coisa. Esta posição nos faz automaticamente aliados do fim radical do movimento verde para transformar da política de protesto permanente à política de modificação permanente.

